

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RODRIGO SASSO DA SILVA

A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO: O IMPACTO DA ALEGORIA DA
CAVERNA DE PLATÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA PARA O 1º ANO F DA
ESCOLA ESTADUAL SÃO CRISTÓVÃO EM SÃO JOSÉ DOS PINHAIS PR.

CURITIBA

2018

RODRIGO SASSO DA SILVA

A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO: O IMPACTO DA ALEGORIA DA
CAVERNA DE PLATÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA PARA O 1º ANO F DA
ESCOLA ESTADUAL SÃO CRISTÓVÃO EM SÃO JOSÉ DOS PINHAIS PR.

Monografia apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Especialista em Filosofia, no
Curso de Pós-Graduação em Ensino de Filosofia
no Ensino Médio, Setor de Ciências Humanas, da
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Felipe Sigwalt de
Miranda.

CURITIBA

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

RODRIGO SASSO DA SILVA

A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO: O IMPACTO DA ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO NO ENSINO DE FILOSOFIA PARA O 1º ANO F DA ESCOLA ESTADUAL SÃO CRISTÓVÃO EM SÃO JOSÉ DOS PINHAIS PR.

Monografia apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ensino de Filosofia no Ensino Médio, Setor de Humanas, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Filosofia.

Prof(a). Dr(a)./Msc. _____

Orientador(a) – Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Prof(a). Dr(a)./Msc. _____

Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Prof(a). Dr(a)./Msc. _____

Departamento _____, INSTITUIÇÃO

Cidade, __ de _____ de 201__.

Tristeza no céu

No céu também há uma hora melancólica.
Hora difícil, em que a dúvida penetra as almas.
Porque fiz o mundo? Deus se pergunta
e se responde: Não sei.

Os anjos olham-no com reprovação,
e plumas caem. Todas as hipóteses: a graça, a eternidade, o amor
caem, são plumas.

Outra pluma, o céu se desfaz.
Tão manso, nenhum fragor denuncia
o momento entre tudo e nada,
ou seja, a tristeza de Deus.

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. 2012. Pag.244).

RESUMO

Este trabalho refere-se à importância do texto Alegoria da Caverna de Platão para os primeiros anos do ensino médio, bem como o impacto causado na visão do dia a dia dos alunos quando estes descobrem, através deste texto, a possibilidade de não estarem vivendo uma vida real, permitindo assim uma introdução em um pensamento mais filosófico, crítico e questionador de si mesmos. Demonstra também como os alunos do 1º ano F, E.M, do Colégio Estadual São Cristóvão na Cidade de São José dos Pinhais, região metropolitana de Curitiba Paraná, no ano de 2017, melhoraram seu desenvolvimento filosófico inicial, quando lhes foi apresentado a Alegoria da Caverna de Platão de forma didática, estabelecendo uma conexão com a realidade de suas vidas, seu contexto cultural e histórico, e criando uma dúvida que se tornou parte de suas vidas daquele momento em diante, impactando em sua formação e em sua estrutura educacional como um todo, trazendo a possibilidade de caminho a uma liberdade mais real e uma fuga ao obscurantismo educacional tradicional.

Palavras –chave: Ensino Médio. Filosofia. Alegoria da Caverna de Platão. Desenvolvimento crítico. Formação.

ABSTRACT

This work refers to the importance of the text Allegory of the Cave of Plato for the first years of high school, as well as the impact caused in the day-to-day view of the students when they discover, through this text, the possibility of not living a real life, thus allowing an introduction to a more philosophical, critical and self-questioning thought. It also demonstrates how the students of the first year F, EM, of the São Cristóvão State College in the city of São José dos Pinhais, metropolitan region of Curitiba Paraná, in the year 2017, improved their initial philosophical development, when they were presented the Allegory of the Cave of Plato in a didactic way, establishing a connection with the reality of their lives, their cultural and historical context, and creating a doubt that became part of their lives from that moment on, impacting on their formation and their educational structure as a whole, bringing the possibility of a path to more real freedom and an escape from traditional educational obscurantism.

Key-words: Secondary education. Philosophy. Allegory of Plato's Cave. Critical development. Formation.

Sumário

1	INTRODUÇÃO	9
1.1	CONTEXTO E PROBLEMA	9
1.2	OBJETIVOS	13
1.2.1	Objetivo Geral	13
1.2.2	Objetivos Específicos	13
1.3	JUSTIFICATIVA	13
2	METODOLOGIA	16
2.1	UNIVERSO DA PESQUISA	16
2.2	INSTRUMENTO UTILIZADO PARA COLETA DE DADOS	17
3	DESENVOLVIMENTO	18
3.1	A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO .	18
3.2	O IMPACTO DA ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO E A BUSCA POR NOVOS CAMINHOS	25
4	CONCLUSÃO	37
	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONTEXTO E PROBLEMA

Todos nós, quando crianças, temos uma curiosidade inerente a nós mesmos, gostamos da aventura do desconhecido, dos mistérios que podem existir na vida, espiritualizamos e ao mesmo tempo concretizamos ideias, pensamentos, num dia a dia de buscas e revelações, embebedados em emoções e sentimentos.

A pergunta que fica aparentemente em nossa mente é: o que houve? Por que na maioria das vezes percebe-se no olhar dos jovens esse cansaço, esse desânimo em relação ao conhecimento e as buscas pelos mistérios da vida? Será que eles mesmos percebem em seus “mestres” esse sentimento, enxergam que a estrutura ao qual foram amarrados, se tornou uma prisão de criatividade pífia, onde a repetição e a mesmice tomaram conta? O professor Mathew Lipman¹, expõe:

Quais as expectativas das crianças que frequentam as escolas e as dos seus pais? As crianças, geralmente, alegam que as aulas não são relevantes, interessantes ou significativas; de certo modo, essa é a interpretação a que, mais rapidamente se prestam os seus comentários. Os pais podem ser igualmente concisos: as escolas existem para “fazer com que as crianças aprendam”. (LIPMAN, MATHEW, A filosofia na sala de aula, pag. 22).

Percebe-se, portanto, que as escolas têm sido ao longo do tempo, não um lugar de busca pelo conhecimento ou que atraia a criança e o jovem para um universo de descobertas e aventuras, (mesmo porque, isso parece mais um comercial de refrigerante do que uma realidade da vida humana) e sim um lugar de formação social e de repressão intelectual, que muitas vezes se arrastam até o ensino superior.

(...) se a escola não pode ajudar as crianças a descobrirem o significado de suas experiências, se essa não é sua função, então não há nenhuma alternativa senão deixar o sistema educacional nas mãos dos que podem melhor manejar o consentimento das crianças de serem manipuladas num

¹ Matthew Lipman foi um filósofo americano, reconhecido como fundador da filosofia para crianças. Nascimento: 24 de agosto de 1923, Vineland, Nova Jersey, EUA. Falecimento: 26 de dezembro de 2010, West Orange, Nova Jersey, EUA. Formação: Universidade Columbia, Universidade Stanford

estado de beatitude insensata. (LIPMAN, MATHEW, A filosofia na sala de aula, pag. 23).

Fica claro que existe uma ineficiência no sistema, que acaba refletindo na sociedade e na vida de todos nós, inclusive conseguimos perceber isso no nosso dia a dia, na política, nas redes sociais, pela volúpia de uma ignorância enraizada e de uma falta de sensatez que nos remete aos primórdios do tempo, como se houvesse toda sociedade embarcada em uma máquina do tempo em que só o conhecimento e a cultura retroagiram.

As crianças sentadas em suas carteiras, sufocadas por uma enorme quantidade de informação que parecem embaralhadas, sem sentido e desconectadas de suas vidas, tem a nítida impressão da absoluta falta de sentido das suas experiências. (...) a falta de sentido é um problema muito mais fundamental do que simplesmente não saber em quem acreditar. As crianças que vivenciam isso buscam desesperadamente pistas que lhes dêem algum tipo de orientação. Os adultos nessas condições geralmente se voltam para a astrologia e outras panaceias instantâneas e acessíveis. Mas as crianças não sabem a que recorrer. E, já que a escola é obrigatória, muitas crianças acabam presas a um pesadelo. (LIPMAN, MATHEW, A filosofia na sala de aula, pag. 31).

Ora, falta sentido na vida das pessoas, elas estão cada vez mais se sentindo sozinhas, perdidas ou abandonadas pelas circunstâncias a que foram colocadas educacionalmente, perderam aquele espírito infantil da busca pelos mistérios do conhecimento, pararam de perguntar, de indagar sobre o que veem o que sentem o que desejam, se existe realmente uma verdade, um sonho, um amanhã. Não tomam mais a vida como um absurdo, paralisados pelo medo de sentir algo a mais que o simples prazer de um filme, um programa de televisão. Perderam o interesse pelo conhecimento, pois ainda continuam “sufocadas nas carteiras”, mas agora, as carteiras são suas próprias vidas.

Se há na escola um sistema que está transformando a sociedade em indivíduos cada vez mais alienados de si mesmos, os profissionais que lá estão se tornaram reféns, pois não conseguem se libertar dos medos enraizados culturalmente e estruturam um ambiente que parece acadêmico, mas que na verdade se tornou um fracasso, que é melhor ser escondido que debatido realmente entre si. De nada adianta criar cursos, palestras ou semanas pedagógicas, se quem as frequentam são indivíduos covardes e que buscam mais estabilidade econômica do que repensar a educação como um todo.

A psicanalista Leny Magalhães Mrech² coloca:

(...) geralmente há uma redução do professor a um indivíduo concreto chamado “professor”. (...) será que o professor refere-se a uma pessoa concreta ou a um lugar no discurso? (MRECH, LENY MAGALHÃES. *Psicanalise e educação, novos operadores de leitura*, 1999, pág. 8).

Nesse contexto percebe-se que muitas vezes os indivíduos que vestem seus jalecos e se autoproclamam professores, não passam de um estereótipo social que nada tem a ver com a realidade de uma busca verdadeira pelo conhecimento e sabedoria. Repetem discursos, conceitos e cada vez mais aprisionam seus alunos numa alienação social que os leva ao consumismo, para disfarçar sua infelicidade como ser humano, que como disse Herbert Marcuse³:

(...) Tais necessidades têm um conteúdo e uma função sociais determinadas por forças externas sobre as quais o indivíduo não tem controle algum; o desenvolvimento e a satisfação dessas necessidades são heterônomos. (MARCUSE, HERBERT. *A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973. P.26).

Esse “disfarce de felicidade” traz consigo o vazio de uma existência sem significado algum, o que transforma a sociedade num aglomerado de gente e não mais uma espécie em constante evolução. Schopenhauer⁴ esclarece isso como poucos:

Quando observamos a quantidade e a variedade dos estabelecimentos de ensino e de aprendizado, assim como o grande número de alunos e professores, é possível acreditar que a espécie humana dá muita importância à instrução e à verdade. Entretanto, nesse caso, as aparências também enganam. Os professores ensinam para ganhar dinheiro e não se esforçam pela sabedoria, mas pelo crédito que ganham dando a impressão de possuí-la. E os alunos não aprendem para ganhar conhecimento e se instruir, mas para poder tagarelar e para ganhar ares de importantes. (SCHOPENHAUER, ARTHUR, 1788-1860. *A arte de escrever/ Arthur Schopenhauer*. Porto Alegre : L&PM, 2009).

² Psicanalista, psicóloga, socióloga e psicopedagoga. Professora da graduação e pós-graduação da faculdade de educação da universidade de São Paulo.

³ Pensador político e social. Marcuse nasceu em Berlim e fez parte da escola de Frankfurt.(1898-1979)

⁴ Filósofo alemão do século XIX. Ele é mais conhecido pela sua obra principal "O mundo como vontade e representação". Nascimento: 22 de fevereiro de 1788, Gdańsk, Polônia. Falecimento: 21 de setembro de 1860, Frankfurt am Main, Alemanha. Formação: Universidade Humboldt de Berlim (1811–1812), Universidade de Göttingen, Universidade de Jena.

É evidente que se as escolas do ensino fundamental se tornaram um depósito de crianças, as universidades se tornaram um depósito de jovens obcecados pela erudição e formatação, aceitação e introdução numa sociedade doente, vazia e sem sentido algum, muitas vezes a filosofia é jogada de lado, ou até mesmo reformulada para se adequar ao pensamento da moda ou as informações rápidas das redes sociais, que não se adequam ao fino trato que deve ser dado ao raciocínio e ao pensamento humano:

Em geral, estudantes e estudiosos de todos os tipos e de qualquer idade têm em mira apenas a *informação*, não a *instrução*. Sua honra é baseada no fato de terem informações sobre tudo, sobre todas as pedras, ou plantas, ou batalhas, ou experiências, sobre o resumo e o conjunto de todos os livros. Não ocorre a eles que a informação é um mero *meio* para a instrução, tendo pouco ou nenhum valor por si mesma, no entanto é essa maneira de pensar que caracteriza uma cabeça filosófica. Diante da imponente erudição de tais sabichões, às vezes digo para mim mesmo: Ah, essa pessoa deve ter pensado muito pouco para poder ter lido tanto! (...)(SCHOPENHAUER, ARTHUR, 1788-1860. A arte de escrever/ Arthur Schopenhauer. Porto Alegre : L&PM, 2009).

É notório que devido à educação básica, bem como a universitária ser ineficiente, no que cerne um sentido a vida humana, bem como terem se tornado ao invés de um ambiente onde se busque o conhecimento, um lugar de repetição e alienação social consumista e religiosa, existe na sociedade uma mistura de convicções e opiniões baseadas somente no senso comum, um ódio crescente que ameaça a paz e o convívio das pessoas. Uma corrupção que se tornou endêmica e parece não trazer uma indignação mais verdadeira, parece que estamos vivendo em um mundo surreal, em que as pessoas estão anestesiadas por uma ignorância, sem nunca buscar um aprofundamento mais racional e filosófico. Inclusive a filosofia que devia ser o arauto da libertação e do conhecimento, se tornou uma vaga lembrança entre currículos de ensino médio e de ensino superior, que deixam cada vez mais os alunos afastados de uma possibilidade real de educação mais reflexiva e crítica de si mesmo, da sociedade e da própria subjetividade da vida humana.

Devido à filosofia ainda estar no senso comum, como um conhecimento intelectual e de difícil acesso, no qual não há uma utilidade prática, ou mesmo uma utilidade econômica que a justifique, percebe-se aqui um problema. Como fazer com que este aluno note a importância da filosofia na sua vida já nos primeiros contatos com ela? Como o fazer perceber o quão impactante a filosofia pode ser em sua vida

cotidiana, já que todo sistema educacional o aprisiona em um ambiente vazio de significados?

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Identificar o ensino de filosofia como possibilidade de criar um aluno mais crítico e reflexivo de si mesmo, da sociedade e da própria subjetividade humana, tornando-o uma pessoa mais preparada para a vida.

1.2.2 Objetivos Específicos

Analisar a importância da abordagem da alegoria da caverna de Platão no desenvolvimento da percepção do sentido da filosofia no cotidiano dos alunos do 1º ano F do ensino médio no colégio São Cristóvão do município de São José dos Pinhais PR, região metropolitana de Curitiba.

1.3 JUSTIFICATIVA

Será construída ao longo deste trabalho a importância do texto: A Alegoria da Caverna de Platão, do livro, A República parte VII, para um despertar da consciência do aluno iniciante de ensino médio em relação a um processo mais significativo no ensino de filosofia, criando assim, novas perspectivas ao desenvolvimento do ensino aprendizagem em sala de aula.

Este trabalho tem o intuito de trazer à tona a importância da abordagem da Alegoria da Caverna de Platão no desenvolvimento da percepção do sentido da filosofia no cotidiano dos alunos, visto que, na maioria das vezes, os alunos do primeiro ano de ensino médio têm seu primeiro contato com a filosofia, e, é neste momento que precisa ser reconstruído o que ela realmente significa através de uma estrutura teórica e prática do ensino aprendizagem em sala de aula, o que proporciona um abandonar de conceitos puramente baseados na opinião e senso comum. Essa abordagem à obra de Platão visa introduzi-los em um novo universo

de conhecimento mais racional e filosófico, no qual a Alegoria da Caverna, no livro A República parte VII, possibilita uma reflexão mais aprofundada. Como diz Giovanni Reale⁵:

Platão sintetizou o próprio pensamento nas suas múltiplas dimensões no célebre "mito da caverna", que se pode interpretar ao menos em quatro níveis:

- 1) em nível ontológico, segundo o qual aquilo que está dentro da caverna seria o mundo material e aquilo que está fora o mundo supra-sensível; da caverna
- 2) em nível gnosiológico, segundo o qual o interior da caverna representaria o conhecimento sensível (opinião) e o exterior da caverna o conhecimento das Ideias;
- 3) em nível mítico-teológico, segundo o qual o interior e o exterior representariam respectivamente a esfera mundana material e a espiritual;
- 4) em nível político, porque implica um retorno à caverna de quem tinha conquistado sua liberdade, por solidariedade com os companheiros ainda prisioneiros, e com a finalidade de difundir a verdade.(REALE, GIOVANNI. 2007. Pag.163).

E é nesse processo de pensamento que este texto se comunica com o aluno jovem do primeiro ano do ensino médio, fazendo-o perceber que a filosofia pretende não trazer as respostas, mas induzi-lo a fazer as perguntas e a questionar-se sobre o que vê, sente e diz ser a realidade concreta e metafísica a sua frente no seu dia a dia, criando assim um cidadão mais crítico, e uma pessoa mais reflexiva sobre seu comportamento, status social e econômico, bem como estabelecendo uma relação com a filosofia, não mais de matéria de um currículo a ser tristemente aprovado por notas, e sim numa ferramenta de ajuda a buscar a si mesmo, fora de uma alienação social, midiática e cultural.

Pretende-se aqui compreender os aspectos filosóficos, pedagógicos, psicológicos que influenciam o ensino de filosofia, principalmente nas primeiras séries do ensino médio, estabelecendo assim uma conexão entre ensinar e criar um aluno pensante de seu próprio conhecimento, como sendo a base para que o mesmo perceba a importância da filosofia na sua vida e na vida de todas as pessoas. Investigar o impacto que o texto da Alegoria da Caverna de Platão estabelece quando trazido ao dia a dia do aluno, bem como o fazendo perceber

⁵ Giovanni Reale foi um filósofo, historiador da filosofia e professor universitário italiano. Reale propôs uma nova interpretação de Platão, baseado nas chamadas Doutrinas não escritas. É uma importante referência sobre Platão para muitas escolas. Nascimento: 15 de abril de 1931, Candia Lomellina, Itália
Falecimento: 15 de outubro de 2014, Luino, Itália.

através de uma autocrítica a possibilidade de alienação cultural na qual Theodor W. Adorno⁶ e Max Horkheimer⁷ comentam:

O preço da dominação não é meramente a alienação dos homens com relação aos objectos dominados; com a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens foram enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo. Ele se reduz a um ponto nodal das reacções e funções convencionais que se esperam dele como algo objectivo. O animismo havia dotado a coisa de uma alma, o industrialismo coisifica as almas. (W. ADORNO, THEODOR e HORKHEIMER, MAX, 1947, Pag. 32).

Percebe-se, portanto a importância de levar o aluno de ensino médio ao contato mais aprofundado consigo, o que só conseguirá fazer mediante percepção racional e filosófica de assuntos abordados durante o ano letivo, que o leve a compreensão de que existe uma possibilidade de ele não estar sendo ele mesmo, e sim reproduzindo o discurso produzido por um universo midiático cultural, que o impossibilita de enxergar quais perguntas deve realmente fazer para ter a probabilidade de conhecimento e adotar a filosofia em sua vida.

⁶ Theodor Ludwig Wiesengrund-Adorno foi um filósofo, sociólogo, musicólogo e compositor alemão. É um dos expoentes da chamada Escola de Frankfurt, juntamente com Max Horkheimer, Walter Benjamin, Herbert Marcuse, Jürgen Habermas, entre outros.

⁷ Max Horkheimer foi um filósofo e sociólogo alemão. Como grande parte dos intelectuais da Escola de Frankfurt, era judeu de origem, filho de um industrial - Moses Horkheimer -, e estava destinado a dar continuidade aos negócios paternos.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para realização deste trabalho será bibliográfica como explica as professoras Ivone Di Chiara⁸ e Maria Júlia Giannasi-Kaimen⁹:

A pesquisa bibliográfica é então feita com o intuito de levantar um conhecimento disponível sobre teorias, a fim de analisar, produzir ou explicar um objeto sendo investigado. A pesquisa bibliográfica visa então analisar as principais teorias de um tema, e pode ser realizada com diferentes finalidades. (CHIARA, KAIMEN, *et al.*, 2008. Disponível em <https://guiadamonografia.com.br/pesquisa-bibliografica/>. Acessado em 24 de abril de 2018.)

Outra metodologia utilizada será a de campo que consistirá na prática docente do ensino de filosofia no dia a dia, ou seja, na sala de aula e mais precisamente do conteúdo do texto da alegoria da caverna de Platão, matéria dada ao 1º ano F de ensino médio do colégio São Cristóvão no ano de 2017 no 2º semestre entre julho e dezembro. Serão apresentados por amostragem alguns trabalhos de alunos referentes a este texto na forma de um questionário, para uma coleta de dados e para se estabelecer uma análise sobre o impacto do ensino deste tema na vida de cada aluno.

2.1 UNIVERSO DA PESQUISA

O universo a ser investigado serão principalmente os alunos do 1º Ano F do Ensino Médio do Colégio Estadual São Cristóvão no 2º semestre de 2017 entre julho e Dezembro, mais precisamente no turno da manhã durante as aulas de Filosofia ministradas pelo Professor Rodrigo Sasso da Silva.

Vale ressaltar a importância do mesmo tema apresentado as outras turmas do ensino médio deste mesmo período e local, para fins de análise do ensino aprendizagem, bem como comparativo para fins de argumentação.

⁸ Mestre em Administração de Bibliotecas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 1981. Graduada em Biblioteconomia e Documentação pela Escola de Biblioteconomia e Documentação de São Carlos em 1975. Atualmente é professora assistente D da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e Coordenadora de Estágio do curso de Biblioteconomia desde 2012.

⁹ Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília, com graduação em Biblioteconomia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL); mestrado em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade de Brasília. Atualmente Coordenadora do Colegiado do Curso de Biblioteconomia da UEL

2.2 INSTRUMENTO UTILIZADO PARA COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para coleta de dados foram as aulas, trabalhos e questionários de Filosofia dados aos alunos do Ensino Médio no período entre julho e dezembro de 2017, entre as 07:30 e 11:55 hrs da manhã no Colégio Estadual São Cristóvão – ensino fundamental, médio e profissional, rua Paulo Scherner, 380 – Vila Palmira – CEP 83040-140 – São José dos pinhais – PR.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 A ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO NO 1º ANO DO ENSINO MÉDIO

Um professor novato em sala de aula, principalmente no 1º ano do ensino médio percebe, a priori, a importância e relevância desta alegoria para o desenvolvimento de seu planejamento de aula, bem como as possibilidades de aprendizagem que ela proporciona. Primeiramente vamos ver um pouco o que seria esta alegoria da caverna do livro: A República de Platão (514a-517c), um diálogo entre Sócrates e Glauco na busca pela verdade e a saída das sombras da ignorância:

Sócrates: Agora imagine a nossa natureza, segundo o grau de educação que ela recebeu ou não, de acordo com o quadro que vou fazer. Imagine, pois, homens que vivem em uma morada subterrânea em forma de caverna. A entrada se abre para a luz em toda a largura da fachada. Os homens estão no interior desde a infância, acorrentados pelas pernas e pelo pescoço, de modo que não podem mudar de lugar nem voltar a cabeça para ver algo que não esteja diante deles. A luz lhes vem de um fogo que queima por trás deles, ao longe, no alto. Entre os prisioneiros e o fogo, há um caminho que sobe. Imagine que esse caminho é cortado por um pequeno muro, semelhante ao tapume que os exibidores de marionetes dispõem entre eles e o público, acima do qual manobram as marionetes e apresentam o espetáculo.

Glauco: Entendo

Sócrates: Então, ao longo desse pequeno muro, imagine homens que carregam todo o tipo de objetos fabricados, ultrapassando a altura do muro; estátuas de homens, figuras de animais, de pedra, madeira ou qualquer outro material. Provavelmente, entre os carregadores que desfilam ao longo do muro, alguns falam, outros se calam.

Glauco: Estranha descrição e estranhos prisioneiros!

Sócrates: Eles são semelhantes a nós. Primeiro, você pensa que, na situação deles, eles tenham visto algo mais do que as sombras de si mesmos e dos vizinhos que o fogo projeta na parede da caverna à sua frente?

Glauco: Como isso seria possível, se durante toda a vida eles estão condenados a ficar com a cabeça imóvel?

Sócrates: Não acontece o mesmo com os objetos que desfilam?

Glauco: É claro.

Sócrates: Então, se eles pudessem conversar, não acha que, nomeando as sombras que vêem, pensariam nomear seres reais?

Glauco: Evidentemente.

Sócrates: E se, além disso, houvesse um eco vindo da parede diante deles, quando um dos que passam ao longo do pequeno muro falasse, não acha que eles tomariam essa voz pela da sombra que desfila à sua frente?

Glauco: Sim, por Zeus.

Sócrates: Assim sendo, os homens que estão nessas condições não poderiam considerar nada como verdadeiro, a não ser as sombras dos objetos fabricados.

Glauco: Não poderia ser de outra forma.

Sócrates: Veja agora o que aconteceria se eles fossem libertados de suas correntes e curados de sua desrazão. Tudo não aconteceria naturalmente como vou dizer? Se um desses homens fosse solto, forçado subitamente a levantar-se, a virar a cabeça, a andar, a olhar para o lado da luz, todos esses movimentos o fariam sofrer; ele ficaria ofuscado e não poderia distinguir os objetos, dos quais via apenas as sombras anteriormente. Na sua opinião, o que ele poderia responder se lhe dissessem que, antes, ele só via coisas sem consistência, que agora ele está mais perto da realidade, voltado para objetos mais reais, e que está vendo melhor? O que ele responderia se lhe designassem cada um dos objetos que desfilam, obrigando-o com perguntas, a dizer o que são? Não acha que ele ficaria embaraçado e que as sombras que ele via antes lhe pareceriam mais verdadeiras do que os objetos que lhe mostram agora?

Glauco: Certamente, elas lhe pareceriam mais verdadeiras.

Sócrates: E se o forçassem a olhar para a própria luz, não achas que os olhos lhe doeriam, que ele viraria as costas e voltaria para as coisas que pode olhar e que as consideraria verdadeiramente mais nítidas do que as coisas que lhe mostram?

Glauco: Sem dúvida alguma.

Sócrates: E se o tirarem de lá à força, se o fizessem subir o íngreme caminho montanhoso, se não o largassem até arrastá-lo para a luz do sol, ele não sofreria e se irritaria ao ser assim empurrado para fora? E, chegando à luz, com os olhos ofuscados pelo brilho, não seria capaz de ver nenhum desses objetos, que nós afirmamos agora serem verdadeiros.

Glauco: Ele não poderá vê-los, pelo menos nos primeiros momentos.

Sócrates: É preciso que ele se habitue, para que possa ver as coisas do alto. Primeiro, ele distinguirá mais facilmente as sombras, depois, as imagens dos homens e dos outros objetos refletidas na água, depois os próprios objetos. Em segundo lugar, durante a noite, ele poderá contemplar as constelações e o próprio céu, e voltar o olhar para a luz dos astros e da lua mais facilmente que durante o dia para o sol e para a luz do sol.

Glauco: Sem dúvida.

Sócrates: Finalmente, ele poderá contemplar o sol, não o seu reflexo nas águas ou em outra superfície lisa, mas o próprio sol, no lugar do sol, o sol tal como é.

Glauco: Certamente.

Sócrates: Depois disso, poderá raciocinar a respeito do sol, concluir que é ele que produz as estações e os anos, que governa tudo no mundo visível, e que é, de algum modo a causa de tudo o que ele e seus companheiros viam na caverna.

Glauco: É indubitável que ele chegará a essa conclusão.

Sócrates: Nesse momento, se ele se lembrar de sua primeira morada, da ciência que ali se possuía e de seus antigos companheiros, não acha que ficaria feliz com a mudança e teria pena deles?

Glauco: Claro que sim.

Sócrates: Quanto às honras e louvores que eles se atribuíam mutuamente outrora, quanto às recompensas concedidas àquele que fosse dotado de uma visão mais aguda para discernir a passagem das sombras na parede e de uma memória mais fiel para se lembrar com exatidão daquelas que precedem certas outras ou que lhes sucedem, as que vêm juntas, e que, por isso mesmo, era o mais hábil para conjecturar a que viria depois, acha que nosso homem teria inveja dele, que as honras e a confiança assim adquiridas entre os companheiros lhe dariam inveja? Ele não pensaria antes, como o herói de Homero, que mais vale “viver como escravo de um

lavrador” e suportar qualquer provação do que voltar à visão ilusória da caverna e viver como se vive lá?

Glauco: Concordo com você. Ele aceitaria qualquer provação para não viver como se vive lá.

Sócrates: Reflita ainda nisto: suponha que esse homem volte à caverna e retome o seu antigo lugar. Desta vez, não seria pelas trevas que ele teria os olhos ofuscados, ao vir diretamente do sol?

Glauco: Naturalmente.

Sócrates: E se ele tivesse que emitir de novo um juízo sobre as sombras e entrar em competição com os prisioneiros que continuaram acorrentados, enquanto sua vista ainda está confusa, seus olhos ainda não se recompuseram, enquanto lhe deram um tempo curto demais para acostumar-se com a escuridão, ele não ficaria ridículo? Os prisioneiros não diriam que, depois de ter ido até o alto, voltou com a vista perdida, que não vale mesmo a pena subir até lá? E se alguém tentasse retirar os seus laços, fazê-los subir, você acredita que, se pudessem agarrá-lo e executá-lo, não o matariam?

Glauco: Sem dúvida alguma, eles o matariam.

Sócrates: E agora, meu caro Glauco, é preciso aplicar exatamente essa alegoria ao que dissemos anteriormente. Devemos assimilar o mundo que apreendemos pela vista à estada na prisão, a luz do fogo que ilumina a caverna à ação do sol. Quanto à subida e à contemplação do que há no alto, considera que se trata da ascensão

da alma até o lugar inteligível, e não te enganarás sobre minha esperança, já que desejas conhecê-la. Deus sabe se há alguma possibilidade de que ela seja fundada sobre a verdade. Em todo o caso eis o que me aparece tal como me aparece; nos últimos limites do mundo inteligível aparece-me a idéia do Bem, que se percebe com

dificuldade, mas que não se pode ver sem concluir que ela é a causa de tudo o que há de reto e de belo. No mundo visível, ela gera a luz e o senhor da luz, no mundo inteligível ela própria é a soberana que dispensa a verdade e a inteligência. Acrescento que é preciso vê-la se quer comportar-se com sabedoria, seja na vida privada, seja na vida pública.

Glauco: Tanto quanto sou capaz de compreender-te, concordo contigo. (MAGALHÃES, LUCY., MARCONDES, DANILO. A Alegoria da caverna: A Republica, 514a-517c tradução. Textos Básicos de Filosofia: dos Présocráticos a Wittgenstein. 2a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000).

É apresentado aqui, o texto da alegoria da caverna, e pode ser verificado o quão provocativo, peculiar e contemporâneo ele é, a cada parte do diálogo entre Sócrates e Glauco percebe-se o roteiro de uma indagação filosófica íntima a cada um, quando transcorrem os olhos entre as palavras, fica a impressão de que Sócrates está incitando, querendo fazer com que se enxergue algo a mais na vida.

Claramente, o texto para o ensino médio é uma ferramenta extremamente eficaz, porém não é aconselhado pensar que os jovens de hoje em dia estarão propensos a ouvir um texto clássico intelectualizado e fora de seus alcances. Por isso, o professor deve introduzir outras formas e multimeios para que a ideia seja mais trabalhada pelos alunos, por exemplo, criando uma ligação entre um filme e

a ideia da alegoria, neste caso existe um filme: MATRIX¹⁰ que possibilita uma simbiose perfeita:

Em um futuro próximo, Thomas Anderson (Keanu Reeves), um jovem programador de computador que mora em um cubículo escuro, é atormentado por estranhos pesadelos nos quais encontra-se conectado por cabos e contra sua vontade, em um imenso sistema de computadores do futuro. Em todas essas ocasiões, acorda gritando no exato momento em que os eletrodos estão para penetrar em seu cérebro. À medida que o sonho se repete, Anderson começa a ter dúvidas sobre a realidade. Por meio do encontro com os misteriosos Morpheus (Laurence Fishburne) e Trinity (Carrie-Anne Moss), Thomas descobre que é, assim como outras pessoas, vítima do Matrix, um sistema inteligente e artificial que manipula a mente das pessoas, criando a ilusão de um mundo real enquanto usa os cérebros e corpos dos indivíduos para produzir energia. Morpheus, entretanto, está convencido de que Thomas é Neo, o aguardado messias capaz de enfrentar o Matrix e conduzir as pessoas de volta à realidade e à liberdade. (MATRIX, FILME sinopse, disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-19776/>. Acessado em 12.03.18).

Este filme transforma a alegoria de caverna de Platão bem mais acessível e interessante, introduz o jovem a interessar-se pela história e pela aventura, bem como o faz pensar sobre um mundo onde não há liberdade verdadeira, onde somos presos por nós mesmos e por um sistema que nos aprisiona num mundo que conhecemos e que geralmente lutamos para não sair.

Outra ferramenta pedagógica muito eficaz para o debate e a aprendizagem muito usada em sala de aula é a história em quadrinhos de Mauricio de Souza: As sombras da Vida, a qual o personagem principal Piteco, se vê em frente a pessoas completamente alienadas da realidade.

¹⁰ uma produção cinematográfica estadunidense e australiana de 1999, dos gêneros ação e ficção científica, dirigido por Lilly e Lana Wachowski e protagonizado por Keanu Reeves, Laurence Fishburne e Carrie-Anne Moss. Lançado em março de 1999, Matrix custou US\$ 65 milhões e rendeu mais de US\$ 456 milhões. Matrix Reloaded, lançado em maio de 2003, custou US\$ 127 milhões, mas já faturou mais US\$ 740 milhões e entrou para a lista dos filmes mais vistos da história. A continuação foi também o primeiro filme a arrecadar mais de 100 milhões em um único final de semana. Só no Brasil, mais de 5 milhões de pessoas foram ao cinema prestigiar a segunda parte da trilogia.

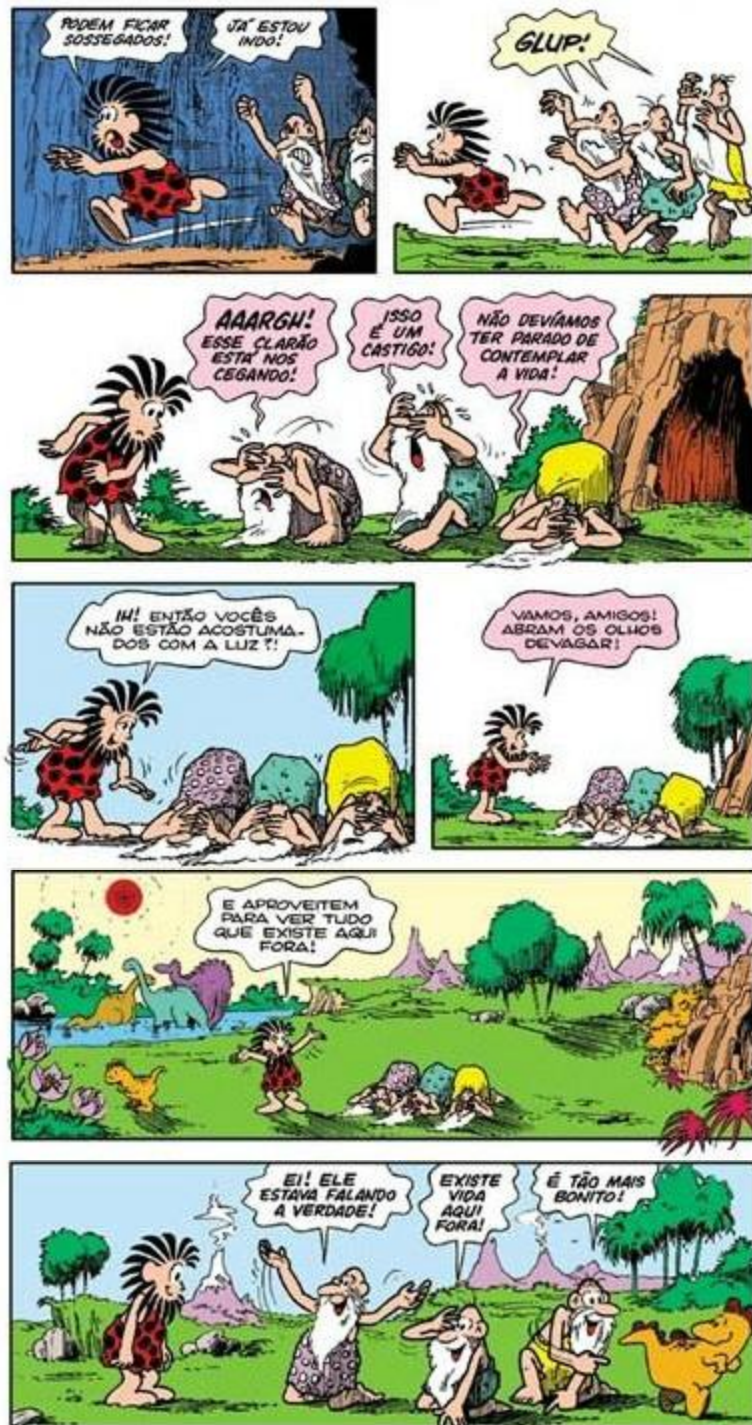
INSURACAO APRESENTA

AS SOMBRAS DA VIDA

COM PITÊS









O mito da caverna de Platão em Quadrinhos. Disponível em:

<https://livrepensamento.com/2014/02/11/o-mito-da-caverna-de-platao-em-quadrinhos/>. Acessado em 12 de março de 2018)

Essas alternativas tornam as aulas mais participativas, empolgantes e reflexivas, colocando o aluno a perceber vários modos de compreensão da ideia de Sócrates e Platão, desta busca pelo conhecimento e esse abandonar de uma ignorância que deixa as pessoas cada vez mais em um mundo artificial, falso, no qual são manipuladas e formatadas. E, é essa ideia que se busca através deste texto que segue no próximo capítulo.

3.2 O IMPACTO DA ALEGORIA DA CAVERNA DE PLATÃO E A BUSCA POR NOVOS CAMINHOS

Apesar de a Alegoria da Caverna de Platão ser apenas uma matéria do currículo comum no ensino médio, nota-se sua importância quando levado a sério seu ensino, percebe-se a busca da humanidade, já há 500 anos antes de Cristo, em se compreender, de trazer a tona questões como liberdade, verdade e conhecimento, criando assim uma odisséia em busca de um ser humano cada vez mais preocupado com o viver uma vida mais real conhecendo melhor a si mesmo e ao mundo que o cerca.

A educação é o contexto ideal para este texto, principalmente no ensino básico, em que a maioria das crianças está literalmente absorvida pela televisão,

pelos comerciais, pelo consumo, pela falta de um sentido, pela perda do mistério da vida, e principalmente, pelo universo social que nos reprime, tal como: a família, a religião e o status social. O texto promove tanto professor quanto aluno ao um universo de maior autonomia e criticidade em relação a sua própria vida, como se fizesse perceber que é preciso ter mais cuidado em acreditar no que se ouve e sente, e com isso, ter mais racionalidade no pensamento como um todo, identificando assim um caminho onde os questionamentos se tornam a principal arma para a busca de uma vida mais real, o que nas palavras de Paulo Freire significa:

Trata-se de aprender a ler a realidade (conhecê-la) para em seguida poder reescrever essa realidade (transformá-la) (FREIRE, PAULO. O Mentor da Educação para Consciência. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia>. Acesso em 25 de março de 2018).

Mas qual é o impacto desse texto de Platão? É possível responder a isso simplesmente mostrando sua capacidade de incitar ao pensamento sobre si mesmo, e deixando claro o que as escolas hoje em dia ainda fazem com a educação, o que nas palavras de Paulo Freire¹¹ no livro a Pedagogia do Oprimido, revela nesta citação.

Na visão “bancária” da educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber. Doação que se funda numa das manifestações instrumentais da ideologia da opressão – a absolutização da ignorância, que constitui o que chamamos de alienação da ignorância, segundo a qual esta se encontra sempre no outro. O educador, que aliena a ignorância, se mantém em posições fixas, invariáveis. Será sempre o que sabe, enquanto os educandos serão sempre os que não sabem. A rigidez destas posições nega a educação e o conhecimento como processos de busca. (FREIRE, PAULO. Pedagogia do oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987).

O impacto do texto está exatamente no sentido de se fazer perceber escravo de si mesmo, no que concerne a preguiça, os desejos, a culpa, os medos, a fome, aquilo que nos tona deveras humano, está também no compreender literalmente a loucura e o absurdo da vida, entender enquanto aluno sentado em sua carteira, toda estrutura que envolve a educação, a política, a verdade, a realidade. Óbvio que a princípio o aluno da educação básica compreende-se como vítima não da

¹¹ Paulo Reglus Neves Freire foi um educador, pedagogo e filósofo brasileiro. É considerado um dos pensadores mais notáveis na história da pedagogia mundial, tendo influenciado o movimento chamado pedagogia crítica.

sociedade, ou da política, percebe-se vítima de suas próprias escolhas que mais coincide com se formatar a uma estrutura já existente, que buscar entender quem ele é como um ser vivente deste mundo.

Neste contexto o professor também se torna aluno, compartilham as questões, e juntos, alunos e professor, caminham num mundo sem chão e com todas as possibilidades.

O conhecimento não seria mais apenas uma matéria do ensino médio, seria a busca pelo retorno da curiosidade, das perguntas: por que estou aqui? Quem sou eu realmente? Minhas escolhas foram realmente minhas?

Quando é apresentado o texto da Alegoria da Caverna de Platão aos alunos do ensino básico, percebe-se neles uma dúvida que já estava presente, pois é notório que existe no jovem um sentimento de revolta de frustração, típico de sua idade, mas que o incita em desconfiar de todos. Essa dúvida ou desconfiança aflora no texto e o segue por todo ensino médio e depois quem sabe até mesmo no ensino superior.

O que pode ser observado, como educadores, é que Platão em sua Alegoria da Caverna abre vários caminhos e várias opções, para uma reflexão da própria vida, e como a disciplina é filosofia, não há limitações somente aos desígnios acadêmicos, é necessário encontrar no aluno o que o deixa realmente curioso, o que o poderia fazer gostar desta matéria, pois não é fácil, muita teoria e pouca prática nos currículos apertados em duas aulas semanais e toda filosofia da humanidade para apresentar a um aluno que no máximo, já deve ter ouvido falar em Sócrates como jogador de futebol do Corinthians paulista.

Interessante como apenas um texto pode mudar a vida de pessoas, pode criar novas perspectivas e novos olhares, não só ao mundo, mas a si mesmo, não só as suas escolhas, como as suas não escolhas.

Como devemos entender a educação brasileira quando posta a luz deste tipo de pedagogia? Segue o que diz a LDB em seu artigo 22 Seção I da educação básica:

Art. 22. A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores.(LDB art.22 seção I).

Ressalta-se que a lei exige uma formação básica que lhe assegure a formação indispensável para o exercício do trabalho e da cidadania, mas o que é ser cidadão? O Dicionário Aurélio cita:

Indivíduo que, por ser membro de um Estado, tem seus direitos civis e políticos garantidos, tendo que respeitar os deveres que lhe são conferidos. Pessoa que habita uma cidade. [Por Extensão] Sujeito; qualquer pessoa: quem é esse cidadão? (AURÉLIO, DICIONÁRIO online. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cidadao/>. Acessado em 19 de março de 2018).

Se a educação na forma da lei exige um cidadão capaz de se desenvolver e continuar seus estudos a posteriori, esse novo caminho está de acordo com o que diz a lei, pois através do texto Alegoria da Caverna de Platão um novo aluno se vê e se encontra no meio em que vive de forma muito mais contundente que antes, visto que é apresentada ao mesmo, a possibilidade de pensar seus próprios caminhos.

Quando é pensado um novo caminho, não se quer criar novas teorias pedagógicas mirabolantes, ou teorias filosóficas que possibilitem um caminhar no universo acadêmico de forma mais tranquila, se busca sempre o que torna os alunos da educação básica melhores, melhor não como status, mas o percebe como responsável, de estar aqui e agora, de transformar sua vida no extraordinário universo de possibilidades que o conhecimento traz. Nunca pensando somente na conquista e sim no caminho que o mesmo segue. Essa filosofia em sala de aula possibilita trazer novamente o respeito a si mesmo, que muitas vezes se perdeu entre brigas, fofocas, e mesquinharias educacionais que afastam do aluno a vontade de buscar algo novo em sua própria vida.

É necessário entender o impacto do texto da Alegoria da Caverna de Platão no aluno de ensino médio de forma mais prioritária, muitas vezes os professores passam despercebidos por este texto, não observam a ferramenta fundamental para se criar ao longo dos próximos anos um interesse maior do aluno pela própria filosofia, o que muitas vezes não acontece devido à falta de empenho ou visão do educador, como se ele mesmo nunca tivesse saído da caverna, o que torna mais difícil essa interação, já que não se vê a realidade própria e de seus alunos naquele

momento, o texto se torna somente mais um texto, mais uma matéria de um currículo já extremamente abarrotado.

Este novo rumo que é pretendido, obviamente, possibilita criar um aluno mais crítico de si mesmo, pois assim ele não vai absorver discursos ou ideologias sem antes pensar em si e no contexto, antes de criticar, ou ter uma atitude antiética, ele se permite pensar num todo, numa concepção de mundo, de universo, o que parece uma grande coisa, mas a princípio, nada mais é do que olhar o mundo de fora da caverna e perceber os discursos, entender a manipulação, o ódio, a miséria humana como parte de sua própria vida, e se ver fazendo parte disso, criando assim um novo aluno pautado na existência real do aqui e agora, do futuro e até mesmo da compreensão do passado.

3.3 A alegoria da Caverna de Platão no 1º ano F - E.M do Colégio Estadual São Cristovão SJP 2017.

Quando foi apresentado à turma do 1º ano F do Colégio Estadual São Cristóvão em São José dos Pinhais em 2017 o texto da Alegoria da Caverna de Platão, não era esperado que os alunos tivessem tanto interesse em relação a própria filosofia, porém havia uma crença de que seria impactante para aqueles jovens. O texto foi conduzido de forma extremamente didática e com, pelo menos, dois tipos de multimeios. Logo no começo a filosofia foi apresentada de forma intrinsecamente envolvida com o cotidiano dos alunos, desenvolveu perguntas e reflexões mais pessoais e, portanto mais impactantes na vida deles. Entendendo que muitas vezes uma pequena discussão entre gosto pessoal de músicas, como o Funk ou o Rock, o Reggae ou o sertanejo, passavam despercebidos sem uma reflexão pessoal mais apurada, em relação a quem realmente o gosto pertencia se a si mesmo ou a cultura que este aluno pertencia, sua família, amigos e ambiente social que o mesmo tinha sido desenvolvido. Essas reflexões traziam a tona perguntas simples, mas de cunho extremamente pessoal e revelador de um questionamento mais preocupado com o ser em si, do que simplesmente com a disputa do que realmente era melhor, e isso foi possível principalmente após a introdução do texto Alegoria da Caverna de Platão, onde estes alunos perceberam que poderiam ser os homens presos e acorrentados a uma realidade que realmente não era sua.

O 1º ano F do Colégio São Cristóvão em SJP era uma turma de aproximadamente 40 alunos, dos quais todos provenientes dos bairros próximos à escola ou vindo de outros bairros, pois no ensino público é costumeiramente tentado encontrar a melhor escola da região, e essa era uma delas, bom espaço de esportes, merenda escolar muito boa, administração focada nos alunos e na comunidade, um bom padrão para os dias de hoje. Uma turma normal de adolescentes, e seus mais clássicos estereótipos escolares, porém uma turma de 1º ano de ensino médio extremamente preocupada em aprender, em saber, em buscar algo novo para si e para sua vida, e por isso, foi inserido um ambiente filosófico de extrema qualidade, obviamente para aquela idade.

Após ter passado pelas aulas iniciais de filosofia, inclusive por mitos, pré-Socráticos, Sofistas, por Sócrates e etc. chegaram a Platão, e depois de iniciarem sua filosofia clássica, foi apresentado o texto Alegoria da Caverna, o que possibilitou fazer um gancho com todas as aulas anteriores, bem como mostrou do que a Filosofia é capaz de fazer ao ser humano que busca o conhecimento como saída para a escuridão de sua própria ignorância.

Este texto torna-se relevante quando o assunto é ser didático e apresentar a Filosofia de forma mais prática e objetiva.

Seguem abaixo, textos de alguns alunos do dia 06 de dezembro de 2017 em um trabalho sobre: O que a caverna de Platão ajudou na compreensão da Filosofia?



06 12 17

Nome: Ariane Barbosa Vieira Idade: 17 anos
 Bairro: Guatupé

Não me interessava a filosofia, pois não a conhecia, mas comecei a ler e é muito complicada de se entender pois são muitos "Porques", mas com isso vemos que a filosofia nos quer mostrar o despertar o nosso conhecimento mais a fundo das coisas, a verdadeira realidade por trás do que sempre nós vemos.

A teoria da caverna de Platão, mostra isso mais a fundo que nós podemos acreditar em tudo que nos mostram ou fala devemos sempre buscar a nossa verdade.





nome: João Pedro Idade: 76 Bairro: Lapa

Eu achava que a filosofia queria mais desmentir as religiões do que nos ajudar a ver um ser humano melhor. Mas agora aprendi que a filosofia nos ajuda a entender a verdadeira realidade, como na "alegoria da caverna" nos mostra que não podemos acreditar em tudo que nos dizem ou nos mostram, que sempre devemos buscar a verdade.



Juliana de Sálma Bastos
- Quissimã

16 anos

O que a alegoria da caverna de Platão ajudou
na sua compreensão da sua P?

A alegoria da caverna de Platão nos ajuda a entender
que não devemos viver alheados, influenciados pela mídia e sem
abrir o nosso pensamento, sair da nossa zona de conforto. Nos
faz enxergar que vivemos em uma prisão, como a caverna de
Platão. E a filosofia nos faz abrir a mente para nos ajudar a
entender isso.

S T Q Q S S D



Gabriel F. V. Pires

15

São Cristóvão

O que o alegoria é que o alegoria do carcereiro de
plato e ficou na sua compusão ao l?

De certo, faz-me pensar mais sobre a vida e também em mi-
nha trabalhos de filosofia, o alegoria mostra como os seres
humanos são ~~na~~ apressados diante da verdade ou a busca
delas, vivemos o alegoria moderno que vem de todos os
lados formando seres em um espírito filosófico.

Nome: Daniela C. dos Santos nº 10 1º F
 Idade: 16 anos
 Bairro: Apolo / Ceforge Habitat

O que é a Alegoria da Caverna de Platão? Qual a sua compreensão da Filosofia?

No princípio Eu fizba uma carta explicando, que ao longo
 foi se moldando como uma interpretação. Aprendi
 que existem outros "horizontes" e níveis, não um
 ponto para o qual ser e como aprendizado didático
 e não linear, ao longo surgiu uma curiosidade e
 descobertas repetidas de dúvidas e busco a realidade
 do mundo e do universo destas dúvidas e coisas
 há se perguntar não. Com a filosofia aprendi-se
 a observar não as coisas e pensar ao mesmo tempo
 e para não ficar perdido, para e libertar-se
 da regra, libertar-se e descobrir-se um mundo
 da verdade.

É entendida a constituição de um novo pensamento, da quebra de alguns mitos em relação à própria filosofia, os textos demonstram as particularidades e opiniões em relação à Alegoria da Caverna de Platão, que constitui, já a priori, um despertar para uma nova concepção da Filosofia e de como o aluno enxergava e como ele passou a ver a sua própria vida em relação à vida dos outros, a vida em sociedade, a cultura, e até mesmo, suas convicções religiosas e pessoais.

Cada texto posto, já tem em suas linhas uma reflexão mais preocupada em entender sua própria noção de liberdade, de saber quem realmente o aluno é. Se a ideia de tornar a Filosofia impactante na vida das pessoas era o caso aqui apresentado, vê-se realizado nas frases postas por estes alunos, pois não há uma competição sobre a beleza textual, ou as possibilidades argumentativas, simplesmente há uma preocupação na ideia de liberdade do pensamento, do compreender que o que escreve é o que realmente busca ser em si.

Abrange uma preocupação com a sociedade, com a vida que levam, e, portanto, uma inquietação em relação à vida em comunidade e uma empatia amorosa pelo destino de todos, e isso é muito mais importante que somente citar os nomes de filósofos, teorias, ou demonstrar o quão intelectual podem se tornar, e isso é extremamente impactante na educação atual.

4 CONCLUSÃO

Finalizo esta monografia me perguntando se cada hora aula que foi dada valeu a pena, se cada vez que um aluno me perguntou algo relacionado a vivermos num mundo irreal, tive a capacidade de, com muito amor e dedicação, lhe responder que somente ele poderia encontrar essa resposta. Penso que A Alegoria da Caverna de Platão, proporcionou a estes alunos questionarem sobre temas que nos afligem como seres humanos, que tocam nossa alma nas profundezas mais obscuras de um eco sem reflexão, o que possivelmente possibilitou um novo prisma, um novo olhar, um novo questionar-se.

Ao final de cada aula percebi que o ambiente se mostrava propício, que havia ainda questionamentos, e cada aluno tinha dentro de si um gigantesco ponto de interrogação, que por muitas vezes queriam que eu como professor os ajudasse a eliminar, e obviamente como professor de Filosofia, minha resposta sempre era: antes de querer sanar as perguntas que te afligem, deve saber quem você realmente é, e se as perguntas são realmente suas, pois penso que somente nós mesmos podemos trilhar o caminho do conhecimento e do autoconhecimento.

Por muitas vezes encontrei em minha frente alunos que já estavam acostumados em ser “galinha” como Leonardo Boff¹² cita em seu livro: A Águia e a Galinha, uma metáfora da vida humana:

“Era uma vez um camponês que foi à floresta vizinha apanhar um pássaro para mantê-lo cativo em sua casa. Conseguiu pegar um filhote de águia. Colocou-o no galinheiro junto com as galinhas. Comia milho e ração própria para galinhas.

Depois de cinco anos, este homem recebeu em sua casa a visita de um naturalista. Enquanto passeavam pelo jardim, disse o naturalista:

– Esse pássaro aí não é galinha. É uma águia

– De fato – disse o camponês. É águia. Mas eu a criei como galinha. Ela não é mais uma águia. Transformou-se em galinha como as outras, apesar das asas de quase três metros de extensão.

– Não – retrucou o naturalista. Ela é e será sempre uma águia. Pois tem um coração de águia. Este coração a fará um dia voar às alturas.

– Não, não – insistiu o camponês. Ela virou galinha e jamais voará como águia.

Então decidiram fazer uma prova. O naturalista tomou a águia, ergueu-a bem alto e desafiando-a disse:

¹² Leonardo Boff foi professor Teólogo no instituto Teológico Franciscano de Petrópolis. Coordenou as publicações religiosas da editora vozes. Foi professor de ética e filosofia da religião na Universidade do estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor visitante em várias universidades estrangeiras.

– Já que você de fato é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, então abra suas asas e voe!

A águia pousou sobre o braço estendido do naturalista. Olhava distraidamente ao redor. Viu as galinhas lá embaixo, ciscando grãos. E pulou para junto delas.

O camponês comentou:

– Eu lhe disse, ela virou uma simples galinha!

– Não – tornou a insistir o naturalista. Ela é uma águia. E uma águia será sempre uma águia. Vamos experimentar novamente amanhã.

No dia seguinte, o naturalista subiu com a águia no teto da casa. Sussurrou-lhe:

– Águia, já que você é uma águia, abra suas asas e voe!

Mas quando a águia viu lá embaixo as galinhas, ciscando o chão, pulou e foi para junto delas.

O camponês sorriu e voltou à graça:

– Eu lhe havia dito, ela virou galinha!

– Não – respondeu firmemente o naturalista. Ela é águia, possuirá sempre um coração de águia. Vamos experimentar ainda uma última vez. Amanhã a farei voar.

No dia seguinte, o naturalista e o camponês levantaram bem cedo. Pegaram a águia, levaram para fora da cidade, longe das casas dos homens, no alto de uma montanha. O sol nascente dourava os picos das montanhas.

O naturalista ergueu a águia para o alto e ordenou-lhe: – Águia, já que você é uma águia, já que você pertence ao céu e não à terra, abra suas asas e voe! A águia olhou ao redor. Tremia como se experimentasse nova vida. Mas não voou. Então o naturalista segurou-a firmemente, bem na direção do sol, para que seus olhos pudessem encher-se da claridade solar e da vastidão do horizonte. Nesse momento, ela abriu suas potentes asas, grasnou com o típico kau-kau das águias e ergueu-se, soberana, sobre si mesma. E começou a voar, a voar para o alto, a voar cada vez mais para o alto. Voou... voou... até confundir-se com o azul do firmamento...”

Nós fomos criados à imagem e semelhança de Deus! Mas há pessoas que nos fazem pensar como galinhas. Mas nós somos águias. Por isso, abramos as asas e voemos. Voemos como águias. (BOFF, LEONARDO. A águia e a Galinha: uma metáfora da condição Humana. Pag. 26, 27 e 28 / Leonardo Boff. 52. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014).

Parece-me que estes alunos, como na estória acima, estão estritamente acostumados em ser algo menor do que realmente são não perceberam “suas asas”, pois foram criados para não pensarem que “voam”. Por isso o texto da Alegoria da Caverna de Platão tem sua relevância na educação do ensino médio brasileiro, principalmente nos primeiros anos de contato com a filosofia, para que possa desenvolver neste aluno uma criticidade de si e uma abertura em relação há novos horizontes nunca antes imaginados.

Os estudantes do primeiro ano F do ensino médio do Colégio Estadual São Cristóvão no município de São José dos Pinhais no período da manhã de 2017 tiveram este contato, perceberam suas possibilidades e criaram novas expectativas para suas vidas. Muitos se proclamavam como de exatas ou de humanas, mas através do contato com a filosofia perceberam que a sabedoria é um todo e não uma

parte, que para ser alguma coisa, precisa-se antes entender-se como ser humano, sem estereótipos, apenas perguntando-se o tempo todo sobre tudo.

Estes alunos desenvolveram um certo desconfiar até mesmo do que lhes ensinam, um desconfiar laborioso que os fazem buscar o conhecimento por si mesmos e não mais repetir ideias sem reflexão, mesmo porque eu como professor de Filosofia ao final de cada aula repetia uma simples frase, será que tudo que eu disse nesta aula é verdadeiro? E o olhar de cada um deles me dizia: temos que buscar as informações para podermos sair da Caverna de Platão.

Concluo este trabalho pensando que sempre tivemos, nós, professores de Filosofia, a oportunidade de estimularmos nossos alunos de maneira tão grandiosa que mudaríamos suas vidas para sempre, tivemos um tempo nas escolas tão especial e acabamos por deixar, a grande maioria, nos levar pelos academicismos burocráticos de uma escola já retrógada. Formatamo-nos a uma sociedade doente de uma solidão sem fundamento racional e completamente perdida entre a preguiça, o escárnio, e todo tipo de reação absurdamente desequilibrada, tornando-nos assim somente mais uns entre tantos que nunca entenderão realmente pra que serve a Filosofia.

Penso que grandes pensadores como Sócrates, Nietzsche, Aristóteles, e outros tantos, estariam nos olhando de forma a não entender por que falamos de filosofia se não vivemos essa filosofia verdadeiramente em nossas vidas, se no fundo queríamos somente um cargo público, um carro melhor, uma casa maior, bens, queríamos ser os opressores em um mundo que ainda imaginamos existirmos como crianças.

Simplesmente não conseguimos alcançar como educadores, bem como seres humanos algo mais forte que nossa própria vida, somos somente mais um na multidão de perdidos, porém com uma maior responsabilidade, pois sabemos que sabemos, o que nos torna mais covardes que qualquer outra pessoa nessa terra.

O texto da Alegoria da Caverna de Platão do livro A República, nos mostra o quão cada um de nós está assombrado por uma escuridão que não conseguimos nos libertar, pois damos a tudo e todos os símbolos que nada tem de real, pois são apenas conceitos que absorvemos de uma constituição cultural alienada e que tentamos desesperadamente torna-los parte significativa de nossas vidas vazias de sentido e preenchidas por objetos simbólicos de um prazer frívolo como nossos dias,

símbolos que construímos em nossa mente para podermos dormir tranquilamente sem prejudicar nossas escolhas, e nossa inércia perante a vida.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W., HORKHEIMER Max. DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO Fragmentos Filosóficos 1947 (Dialektik der Aufklärung – Philosophische Fragmente). (Fonte: <http://antivalor.vilabol.uol.com.br>)

AURÉLIO dicionário online. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/cidadao/>. Acessado em 19 de março de 2018.

BLACKBURN, Simon. Dicionário Oxford de Filosofia. Danilo Marcondes; tradução Desidério Murcho. Rio de Janeiro; Jorge Zahar ed., 1997..

BOFF, Leonardo. A águia e a Galinha: uma metáfora da condição Humana / Leonardo Boff. 52. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo . Pedagogia do oprimido, 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. O Mentor da Educação para Consciência. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/460/mentor-educacao-consciencia>. Acessado em 25 de março de 2018.)

LIPMAN, Mathew. A filosofia na sala de aula / Matthew Lipman. Ann Margaret Sharp. Frederick S. Oscanyan: tradução Ana Luiza Fernandes Falcone – São Paulo: nova Alexandria. 1994.

LDB. Lei de diretrizes e bases da educação nacional, disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. acessado em 19 de março de 2018.

MARCONDES, Danilo, MAGALHÃES, Lucy. Tradução. A Alegoria da caverna: A Republica, 514a-517c. Textos Básicos de Filosofia: dos Présocráticos a Wittgenstein. 2a ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1973. P.26.

MATRIX filme, sinopse, disponível em: <http://www.adorocinema.com/filmes/filme-19776/>. Acessado em 12 de março de 2018.

MRECH, Leny. Psicanálise e educação: novos operadores de leitura / Leny Magalhães Mrech. – São Paulo, Pioneira, 1999.

PESQUISA BIBLIOGRÁFICA, O que é. Disponível em:

<https://guiadamonografia.com.br/pesquisa-bibliografica/>. Acessado em 24 de abril de 2018

PLATÃO. O Mito da Caverna. Extraído de "A República". 6º ed. Ed. Atena, 1956, p. 287-291.

PLATÃO. A REPÚBLICA. Volume II. Livro VII. Introdução e notas de ROBERT BACCOU. Tradução de J. GUENSBURG. 2º Volume, DIFUSAO EUROPEIA DO LIVRO. Rua Bento Freitas, 362 Rua Marques de Itu, 79. SAO PAULO, 1965.

PLATÃO. Pag. 131 – 180. Reale, Giovanni. História da filosofia: filosofia pagã antiga, v.1 / Giovanni Reale. Dario Antiseri ;[tradução Ivo Storniolo]. - São Paulo: Paulus. 2003.

PLATÃO, O mito da caverna em Quadrinhos. Disponível em:

<https://livrepensamento.com/2014/02/11/o-mito-da-caverna-de-platao-em-quadrinhos/>. Acessado em 12 de março de 2018.